



ECO AO QUADRADO



**CATARINA ROSETA PALMA**  
Professora Associada, ISCTE  
Business School

## Conhecer para proteger

Na última década, as políticas de redução desta perda não tiveram resultados minimamente aceitáveis: nenhum dos 20 objetivos de Aichi, definidos em 2011, foi alcançado na totalidade até 2020.

**T**odos sabem que é preciso reduzir as emissões de gases com efeito de estufa para tentar travar os efeitos mais graves das alterações climáticas. Mas a par da crise climática existe uma crise menos visível, que se prende com a perda acentuada de biodiversidade no planeta. Na última década, as políticas de redução desta perda não tiveram resultados minimamente aceitáveis: nenhum dos 20 objetivos de Aichi, definidos em 2011, foi alcançado na totalidade até 2020. Um dos problemas de base tem a ver com a falta de conhecimento sobre o tema, pois a biodiversidade é multifacetada e complexa. No Iscte costumamos fazer um jogo com estudantes do Mestrado em Estudos Sociais do Ambiente e da Sustentabilidade, a que chamamos “Publicidade ou Biodiversidade”. Consiste este jogo em começar por mostrar um slide com 10 logo-

tipos de marcas conhecidas que têm representações da Natureza – consegue adivinhar alguns antes de ler o próximo parágrafo?

Sim, estão lá a maçã, a concha, a pomba, e um jaguar...estas são mesmo fáceis, já que o nome da marca corresponde à imagem. Nenhuma das marcas vende nada que se assemelhe remotamente ao ser vivo ao qual vão buscar a inspiração e, no entanto, ninguém tem dificuldade em associar a imagem à marca. Posso assegurar-vos que a esmagadora maioria dos estudantes acerta mais de 8 logotipos, e é frequente haver quem acerte nos 10. Logo de seguida, mostramos outro slide com 10 fotografias de espécies comuns em Portugal, inconfundíveis à vista desarmada (por exemplo, andorinha-das-chaminés, cabra-montês, pinheiro-manso, mosca-das-flores, salamandra-de-pintas-amarelas, en-

tre outros) e mais uma vez pedimos aos estudantes que os identifiquem, só com o nome comum. Não é preciso saber o nome da espécie em latim! Infelizmente, os resultados são sempre bem piores: raramente há um 8 e muitos estudantes acertam menos de 5...

Será plausível que o público em geral compreenda e apoie políticas de restauro ecológico sem que tenha uma noção da riqueza do património natural que estamos a tentar defender? A educação ambiental é crítica, mas não pode resumir-se à reciclagem e poupança de recursos. Há que fomentar a curiosidade sobre o mundo natural que nos rodeia e do qual, não haja margem para dúvidas, fazemos parte. As férias de verão são uma excelente oportunidade: que borboleta pousou naquela flor? Nesta praia há gaivotas, guinchos, gaivinas ou gara-

jaus? Para onde vão estas formigas e porque são diferentes daquelas? Esta cobra comerá aquela lagartixa? Que cigarra fornece a banda sonora dos dias quentes? Seja qual for o local, há inúmeras surpresas à espera para quem olhar e ouvir com atenção. A utilização de uma aplicação de ciência cidadã como o iNaturalist, que permite identificar todo o tipo de espécies com base em fotografias do telemóvel, ou o Merlin Bird ID, que identifica as aves cujo canto estamos a ouvir, é fascinante e está acessível a qualquer um, independentemente da sua formação prévia. Nem um dia de férias poderá ser aborrecido, com tanta coisa para descobrir!

Promover o conhecimento sobre a biodiversidade é essencial, mas também é imprescindível avançar com políticas de conservação e restauro da natureza eficazes e, não menos importante, garantir o financiamento para as ações necessárias, para que os objetivos de biodiversidade de Kunming-Montreal, traçados para 2030, tenham melhor sorte do que os anteriores. Sem dinheiro dificilmente haverá bons resultados...mas esse será tema para outra crónica. ■

Coluna mensal à quarta-feira